

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Avós Guardiões: Fronteiras e limites entre avosidade e parentalidade

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para obtenção do
grau de Psicóloga, sob orientação da Prof^a
Dr^a. Giana Bitencourt Frizzo.

NICOLE MARKOWSKI DA ROSA

PORTO ALEGRE

2018

Sumário

Introdução.....	3
1. Como eram os avós antigamente.....	6
2. O processo de tornar-se avó.....	8
3. Relação intergeracional.....	11
3.1 Estilos de avós.....	11
3.2 Avosidade x Parentalidade: inversão de papéis.....	15
4. O significado da avosidade.....	17
5. Aspectos que contribuem para a sobreposição do papel parental.....	19
6. Ambivalência e efeitos negativos.....	23
Considerações finais.....	24
Referências Bibliográficas.....	26

Introdução

Nos países ocidentais é perceptível o aumento das mutações e rearranjos familiares a partir do século XX. Observa-se na sociedade contemporânea, por meio das mídias, jornais, televisão e até mesmo nas conversas do cotidiano, o aumento de famílias multigeracionais residindo no mesmo espaço, o que contribui para o auxílio e as trocas entre gerações como a dos avós, pais e netos (Cardoso, 2011).

Na última década houve um aumento do número de netos e bisnetos criados por avós e bisavós, passando de um milhão e cem mil, para um milhão e setecentos mil, o que significa 55,1% a mais do que foi apurado em 1991. De acordo com o IBGE (2004), 54,5% dos avós que são chefes de família, vivem com os seus filhos e os sustentam, havendo 466 mil avós e bisavós que cuidam diretamente das crianças, dividindo, na maioria das vezes, não apenas a criação dos netos, mas também seus lares e a renda financeira.

Entre 2005 e 2015, aumentou o percentual de pessoas com 60 anos ou mais de idade. Neste período os idosos passaram de 9,8% para 14,3% da população brasileira, havendo um crescimento em todos os grupos etários de idosos (de 60 a 64 anos, de 65 a 69 anos, de 70 a 74 anos, de 75 a 79 anos e de 80 anos ou mais). Os maiores percentuais de idosos foram encontrados nas Regiões Sul e Sudeste, com 15,9% e 15,6 %, respectivamente (IBGE, 2016).

Foram analisados o percentual de moradores por tipos de arranjos familiares no grupo etário de pessoas com 60 anos ou mais. Constatou-se que 15,7% moram sozinhos; 35,8% dos domicílios são formados por casal sem filhos; 25,3% formados por casal com filhos; 13% formados por mulher sem cônjuge e com filhos e 9,9% formados por outros tipos de arranjos com parentesco (IBGE, 2016).

Tais mudanças podem ser explicadas pelo aumento da expectativa de vida, fatores socioeconômicos e também culturais, provocando alterações na dinâmica e configuração familiar pelos reflexos que produzem na vida de homens e mulheres. Dentre essas mudanças, o fator econômico pode contribuir para o surgimento deste molde familiar, onde um dos membros, por dependência financeira, acaba por dividir o mesmo espaço com seus pais.

Outro fator que colabora para esta nova configuração é o aumento do número de divórcios. Em 2016, a pesquisa Estatísticas do Registro Civil registrou 344.526 divórcios concedidos. Observou-se que em famílias somente com crianças menores de idade o número de dissoluções fora maior, apontando 47,5% dos casos (IBGE, 2016). Considerando os dados, é comum ocorrerem os recasamentos, porém pode haver situações em que o bom relacionamento entre a criança e o padrasto/madrasta não se estabelece, sendo opção o cuidado pela avó. A valorização da entrada da mulher no mercado de trabalho é também um exemplo destes reflexos socioculturais, o que acaba por propiciar a entrada de membros da família extensa para o desempenho de atribuições relativas aos cuidados domésticos e aos cuidados com as crianças (Cardoso, 2011).

Tendo em vista a dificuldade dos pais em conciliarem suas atribuições profissionais, pessoais e parentais, os avós podem ser uma opção de cuidado e, então, acabam participando mais ativamente do cotidiano dos netos (Cardoso, 2011). Alguns estudos têm mostrado que essas situações de cuidados e criação dos netos pelos avós caracterizam famílias de classes média e baixa brasileiras (Lins de Barros, 1987; Lopes, Nery & Park, 2005).

Nos anos 80 o interesse pelo estudo das interações entre avós e netos ampliou-se no Brasil, visto o aumento da expectativa de vida e de famílias multigeracionais (Cardoso, 2011; Lopes, Nery & Park, 2005). Porém, nos anos 90, o tema sobre “avós guardiões”¹ ganha espaço, sendo motivado pelas necessidades de apoio aos avós e netos diante das dificuldades que enfrentam (Dias & Silva, 1999). Os avós, após mudanças nos arranjos familiares, passaram a desempenhar papel de cuidadores, muitas vezes sobrepondo seu papel de avô/avó, com a função parental, o que pode gerar certa confusão entre os membros sobre seus lugares na dinâmica familiar.

Os avós já não estão mais associados exclusivamente à imagem de pessoas idosas (Dias & Silva, 1999). Hoje nota-se avós cada vez mais jovens e ativos que acabam exercendo diversos papéis socialmente e no meio familiar. Por essa razão, é comum que avós que cuidam por tempo integral ou passam grandes períodos nos cuidados com seus netos, apresentem sentimentos ambivalentes em relação a tal função. Tendo seus papéis expandidos, podem encontrar satisfação ao oferecer benefícios aos netos como trocas de

¹ Termo utilizado por Ehrle e Day em 1994.

experiências, carinho, atenção, ou também, ônus com o estresse físico e emocional (Oliveira, 2011).

No presente trabalho serão abordados aspectos sobre o tema dos avós no século XXI, apresentando as mudanças sociais e culturais que colaboraram para a mutação e rearranjo das famílias. Serão analisadas as novas atribuições dos avós no âmbito familiar contemporâneo, levantando questões sobre qual o papel e função que estão a exercer nos dias atuais. As razões pelas quais os avós acabam tomando o maior cuidado dos netos, como os chamados avós guardiões, são também algumas das inspirações deste trabalho.

Durante meus três anos de estágio curricular, mesmo sendo realizados em instituições com propostas distintas de atividades, pude observar em meio às falas e cenas do dia-a-dia nos locais, algumas semelhanças. Um número considerável de avós levavam seus netos à psicoterapia. Mais adiante, pude testemunhar a rotina de avós que ficaram incumbidas pelos cuidados dos seus netos, a partir da escuta durante os atendimentos que realizei com tais avós. Foram pelas experiências clínicas que o interesse em escrever sobre os avós guardiões² surgiu, especialmente pelos relatos de N.³, uma avó que reside com dois netos, sendo o mais velho criado por ela desde bebê já que sua filha engravidou na adolescência. Dessa forma, N. acabou precisando desempenhar papel parental, relatando viver em constantes preocupações com seus filhos e netos, sobrando pouco espaço e tempo para desenvolver e realizar projetos pessoais.

O objetivo foi apresentar, a partir de uma revisão integrativa da literatura, as novas atribuições dos avós na atualidade tendo em vista as possíveis dificuldades em definir os papéis e funções deles no contexto familiar. Isso porque pode haver uma expansão dos limites e difusão de fronteiras, podendo ocasionar uma certa confusão de papéis entre os membros da família. Para tanto, foram utilizadas para busca as plataformas Scielo e Lilacs utilizando os seguintes descritores: “avós guardiões” e “avós e netos”. Foram encontrados 27 artigos na plataforma Scielo e 57 artigos na Lilacs. Com a exclusão de artigos duplicados e de estudos não brasileiros, foram revisados 22 artigos sobre avós que dedicam-se aos cuidados dos netos, sendo esse um critério de inclusão.

A revisão integrativa inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a

² Opto por utilizar esta nomenclatura a fim de designar avós que cumprem a tarefa de cuidado aos netos.

³ Utilizo a letra N. para referir a paciente a fim de preservar sua identidade.

tomada de decisão e a melhoria da prática clínica. Possibilita a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos (Mendes, Silveira & Galvão, 2008, p. 759).

Espera-se que este trabalho possa contribuir com dados relevantes para a prática clínica de profissionais que trabalham com famílias. Além de proporcionar reflexões acerca do tema, espera-se novos estudos a fim de auxiliar tanto os profissionais como os próprios avós, pais e netos nas mudanças consequentes da sociedade contemporânea. A análise dos materiais derivados da pesquisa foram organizados nas seguintes seções: Como eram os avós antigamente, o processo de tornar-se avó, relação intergeracional, o significado da avosidade, aspectos que contribuem para a sobreposição do papel parental e ambivalência e efeitos negativos. Motivados pela escuta clínica, estes temas foram desenvolvidos a partir da revisão da literatura a ser apresentada a seguir.

1. Como eram os avós antigamente

Existem muitos significados sobre os papéis a serem desempenhados pelos avós no meio social, histórico-cultural e familiar. O aumento do interesse em pesquisas sobre a relação entre avós e netos se deu a partir dos anos 80, motivado pelo aumento da expectativa de vida, o que fez crescer o número de famílias multigeracionais (Cardoso, 2011).

Por mais que o crescimento dos estudos sobre o tema tenha se dado nos anos 80, de acordo com autores como Dias e Silva (1999), já era possível entender a dinâmica da relação entre essas duas gerações na década de 60. Neste período, os papéis e funções dos avós centravam-se em: mimar os netos, prover presentes, narrar histórias infantis e cuidar das crianças durante a ausência dos pais (Dias & Silva, 1999; Falcão, 2006). Nas décadas de 70 e 80, foram pensadas suas funções no contexto familiar, envolvendo o relacionamento intrageracional, onde o papel dos avós era incluído no processo grupal da família. Tidos como os modelos de ajuda e cuidado, proporcionavam suporte financeiro e

emocional, além de promover a manutenção da família, servindo como colaboradores para o enfrentamento da pobreza (Dias & Silva, 1999; Falcão, 2006; Marangoni & Oliveira, 2010).

Na década de 90, estudou-se sobre como os avós eram importantes figuras de apoio em momentos de dificuldade na família. O papel dos avós como mediadores entre os pais e os netos; como fonte de carinho e compreensão para com as crianças; como transmissores da história familiar, onde contavam sobre sua própria infância e a infância de seus filhos (pais dos netos), foram reconhecidos nos estudos, além de oferecerem muito afeto e pouca advertência aos pequenos (Dias & Silva, 1999; Falcão, 2006). Nos anos 2000 foram realizadas pesquisas sobre os avós como responsáveis pelo provimento familiar e como cuidadores dos netos (Falcão 2012), marcando um novo momento de transição e desenvolvimento das funções e papéis dos avós na contemporaneidade.

Pode-se notar ao passar dos anos, a evolução da imagem dos avós. Tradicionalmente, a imagem que se tinha era de pessoas encurvadas, enrugadas, de lento passo, cabelo branco, sentados na cadeira de balanço, de pijama ou de vestido comprido, cabelo preso num coque, a contar histórias e transmitir suas experiências para as gerações mais novas. A figura do avô causava temor, pois era visto pela família como autoridade. Já a avó, era vista como gentil e disponível para as tarefas de cuidado aos netos (Jonhson, 1983; Rêboul, 1994 apud Dias, 2002).

No estudo de Paula *et al* (2011), com o objetivo de conhecer as relações intergeracionais a partir de entrevistas com 12 idosos residentes no município de Fortaleza, foi possível analisar como se dava a relação entre netos e avós nos anos anteriores. Observou-se uma relação de respeito e autoridade, onde não era necessária a imposição por meio da força física ou voz alta, bastando um olhar firme para que a criança pudesse corrigir seu erro. Pela forte autoridade, as ordens dos mais velhos eram obedecidas, mas também havia a persuasão pelo medo. Embora toda família participasse do processo de criação das crianças, parecia não haver grandes prejuízos, já que as criavam com regras claras, com diferenciação de papéis e hierarquia devidamente definidas. Elas não viviam no meio dos adultos e não participavam de suas discussões, sendo assim preservadas dos conflitos familiares.

Em consequência dessas trocas geracionais, novas características foram atribuídas

aos avós. De acordo com Pinazo (1999, apud Oliveira *et al.*, 2009), a tendência é que os avós mais jovens sejam divertidos e participativos, enquanto os mais velhos, mais distantes e solicitantes de ajuda por parte dos netos. Assim como ocorreram mudanças nas características dos avós, houve também uma mudança no papel e nas funções destes. Nye e Berardo (1973, apud Dias, 2002), apontaram que o papel do avô na sociedade contemporânea é essencialmente maternal. Apesar de contrastar com o papel masculino instrumental que tem desenvolvido ao longo de sua vida, a cultura apóia e abre espaço para que os avôs façam essa transição sem maiores dificuldades, a fim de facilitar o desenvolvimento de seu lado maternal sem constrangimentos. A avó, como descrita a mudança de seu papel e função nos anos 90, trocou a autoridade por uma imagem calorosa, amigável e que corresponde às atribuições do seu papel (Jonhson, 1983 apud Dias, 2002).

2. O processo de tornar-se avó

O nascimento de uma criança marca enfaticamente as relações familiares preexistentes: pais-filhos, marido-mulher, sogros-afins, além de incluir novos subsistemas na família (Minuchin, 1982). A passagem para uma nova fase no ciclo de vida familiar traz algumas modificações não só na estrutura da família, enquanto grupo, mas também individualmente, como na estrutura psíquica dos novos pais, avós, tios, irmãos. Com isso, cada membro da família tem de criar uma nova identidade e adquirir novos papéis, acrescentando outras possibilidades de relacionamentos a nova constelação familiar que se formou (Kipper & Lopes, 2006).

O processo de se tornar avó traz novas possibilidades, já que inaugura uma nova geração na família. A chegada de um neto para uma mulher de meia-idade pode ser uma solução, como aponta Dias (1994). Com o casamento dos filhos, a mãe pode apresentar sentimentos de perda e de falta do filho que se casou, já que agora assumirá um novo papel e constituirá sua própria família, fazendo um movimento de distanciamento e independência. O novo integrante pode oferecer as avós uma nova oportunidade de experienciar a maternidade em forma de autorrealização emocional, e até aumentar a sua

longevidade (Lachmann, 2011 apud Pinto, Arrais & Brasil, 2014). Com isso, a avó adquire uma nova importância e utilidade, vivenciando de uma outra maneira a função materna, porém sem as responsabilidades que tinha quando foi mãe (Kipper & Lopes, 2006).

Dada a importância dessas relações, Paulina Redler em 1977 difunde o termo “avosidade”, definido como o laço de parentesco entre avós e netos (Redler, 1986). A partir de seus estudos sobre psicogerontologia, fora sugerido a ampliação da visão biológica para além da idade cronológica ao realçar os laços de parentesco que exigem do idoso a reestruturação psíquica ao ocupar um novo status pessoal, psíquico, familiar e social: ser avô/avó (Redler, 1986).

Outros autores contribuíram ao expor suas definições de avosidade, como Goldfarb e Lopes (2006), que afirmaram que a avosidade não é a idade cronológica ou o papel social, mas a possibilidade de transmissão das funções materna e paterna para as próximas gerações. Freitas (2006) ainda enfatizou ser o laço de parentesco localizado nas filiações trigeracionais, estando a função de avós sempre presente, independente deles aceitarem ou não. Dessa forma, podemos dizer que ser avós não se trata de uma escolha, mas sim uma consequência ou resultado da ampliação do grupo familiar, onde seu envolvimento com o neto dependerá de fatores como o nível de proximidade.

De acordo com Carter e McGoldrick (1995), em cada fase do ciclo de vida familiar há tarefas específicas a serem resolvidas, e em cada ponto de transição os antigos conflitos tem novamente uma chance de serem solucionados. Assim como ao se tornar pai e mãe, ao se tornar avô e avó há uma possibilidade de elaboração de conflitos anteriores. Em uma perspectiva mais psicanalítica, Colarusso (1997) denomina a quarta individuação como o momento de transição para o tornar-se avós. Refere ser um momento de reelaboração dos processos de separação e individuação na idade média (40 a 60 anos), já que podem ressurgir conflitos com os filhos, com os pais e consigo mesmos, mas que através dos netos podem ser resolvidos.

Portanto, para passar pelo processo de individuação na estrutura familiar será preciso demarcar os limites entre ser avó e mãe, tendo que redefinir sua posição entre as gerações, já que ocupará um novo lugar na família, assumindo novos papéis e funções. Tornar-se avó requer uma elaboração do questionamento de seu próprio papel como filha e mãe, na tentativa de evitar que se repitam erros e se compensem as faltas ocorridas com

seus filhos, agora com os netos. Também devem desenvolver novos vínculos com as crianças e alterar a representação de seus filhos, que agora assumem um novo papel: serem pais (Colarusso, 1997; Pinto, Arrais & Brasil, 2014). Para tanto, com a chegada dos netos, o esperado pelos avós é que se coloquem apenas como elo entre as gerações, fazendo com que seus filhos reproduzam a função parental que lhes cabe (Goldfarb & Lopes, 2006).

Para Bowen (1991), o processo de individuação consiste na tentativa de diferenciarse da família de origem, de forma que ao refletir e comparar sobre seu papel de avó com a forma como seus pais foram avós, estará assim construindo sua própria maneira de vivenciar este papel. Pode-se dizer que o tornar-se avó propicia uma construção singular do que significa ocupar este lugar, a partir da reflexão de como seus próprios pais desempenharam o papel. Embora os pais não sirvam como modelos perfeitos, são sempre um modelo de referência aos seus filhos, que agora inauguram o papel de avós. Mesmo que os novos avós desejem ser avós diferentes de como foram seus pais, podem haver características que serão passadas transgeracionalmente (apud Kipper & Lopes, 2006). Não há como especificar quais características serão passadas, pois isso dependerá de cada indivíduo e da forma como vivenciou os papéis em seu meio familiar. Porém, a família serve como exemplo para que os membros decidam como irão exercer este novo papel.

Com o objetivo de investigar as experiências de onze mulheres ao terem tornado-se avós, além de mostrar a importância no processo de individuação, Kipper & Lopes (2006) realizam um estudo sobre “O tornar-se avó no processo de individuação”. Os resultados deste estudo corroboram com as contribuições já citadas de Bowen, mostrando que apesar das particularidades de cada avó, todas experienciaram uma reflexão sobre suas vidas, sobre os papéis que exercem no meio familiar e social, e seus relacionamentos. Ressaltaram que após acrescentarem esta experiência a suas vidas tornaram-se pessoas diferentes, com outros propósitos e outras resoluções para antigos conflitos, além de ter permitido que se renovassem os vínculos com suas filhas, suas mães, e com suas avós a partir do contato com seus netos, melhorando a qualidade dos relacionamentos intrafamiliar.

Algumas pesquisas como as de Kipper e Lopes (2006), Prochnow e Lopes (2007), Lopes, Prochnow e Piccinini (2010), identificam as avós como aquelas que fornecem suporte às suas filhas e noras no cuidado dos netos. Muitas das novas mães buscam apoio em mulheres mais experientes, que preferencialmente já tenham passado pela experiência

da maternidade, para que possam, assim, lhes passar confiança, segurança e ajudar a desenvolver suas capacidades maternas (Lopes, Prochnow & Piccinini, 2010). Sabe-se que ter uma rede de apoio para a criação dos filhos é fundamental. Em Prochnow e Lopes (2007), foi possível perceber que a falta de apoio de uma figura feminina é um dos fatores que podem levar a mulher a desenvolver sintomas de depressão materna.

3. Relação Intergeracional

3.1 Estilos de Avós

Tendo em vista que o papel dos avós vem mudando com o passar do tempo, pode-se perceber que hoje, esse papel de avô/avó é muito mais livre, embora existam algumas limitações acerca do desempenho de seu papel e função (Ruschel & Castro, 1998). Assim como estereótipos do que imaginamos ser estar no lugar de avós e do que seria socialmente esperado por ocuparem tal posição.

Muitas variáveis podem interferir no relacionamento entre avós e netos, como: idade, gênero, afinidade, mediação dos pais, distância geográfica, trabalho, saúde dos avós, nível socioeducacional da família, ocorrência de eventos disruptivos (separação, crises, doença), entre outros (Dias, 2002). Considerando as variáveis, entende-se que existem diferentes modos de relação entre avós e netos, assim como avós com diferentes características e estilos, que podem afetar a frequência do convívio entre a dupla.

O conceito de estilos de avós vai além das práticas desempenhadas por eles. Na verdade, é o contexto dentro do qual os avós se esforçam para socializar os netos de acordo com suas crenças e valores (Darling & Steinberg, 1993). Em 1985, os estilos de avós foram divididos em três grupos: avós companheiros, como os de estilo informal e afetivo, onde a relação com os netos é próxima, carinhosa e brincalhona, já que interagem regularmente com seus netos; avós tiranos ou remotos, sendo os de estilo formal e reservado, que veem muito pouco seus netos; e os avós-invólucros ou envolvidos como os que proporcionam disciplina e estabelecem limites (Cherlin & Furstenberg, 1985). Em outra caracterização, os avós foram classificados em quatro grupos: presente – aqueles que proporcionam

tranquilidade nos momentos difíceis ou de tensão familiar; guardião nacional da família - aqueles que mostram-se disponíveis em caso de emergência; árbitro – os que negociam e preservam a família; e conservador da biografia da família - aqueles que transmitem as tradições familiares (Bengtson & Robertson, 1985).

Em um estudo de Roberto e Stroes (1992), foram identificados quatro estilos de avós que consideram tanto o nível pessoal como o nível social, sendo eles: o estilo distribuído – como os que preocupam-se com a formação dos netos, mas os mimam e são tolerantes; estilo simbólico – os que só se preocupam com a formação e em fazer o moralmente correto; estilo individual – veem nos netos o caminho para distraí-los da solidão e do isolamento social; e por fim o estilo remoto, que caracteriza-se por dar pouca ênfase em qualquer aspecto da relação.

Há ainda, a classificação atual sobre o estilo dos avós de Gauthier que Oliveira (2011) apontou: o “encarregado”, que são os avós que cuidam dos netos e por vezes substituem os pais da criança; o “especialista”, que são os avós que participam de apenas algumas esferas na vida dos netos e se especializam em tarefas específicas, os avós “passivos”, que são aqueles que convivem pouco com os netos, e os realmente ausentes, quando a relação com os netos não existe. Importante ressaltar que o envolvimento emocional independe da distância geográfica entre avós e netos. É possível ter avós que moram em outra cidade e mesmo assim serem próximos emocionalmente de seus netos, assim como avós que até mesmo residem com eles, mas que não há uma ligação afetiva tão significativa.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, os encargos dos avós referente aos netos tornaram-se diversos, o que traz exigências e consequências diferentes para ambos (Dias & Silva, 1999; Lins de Barros, 1987; Lopes, Neri e Park, 2005). Nota-se no século XXI, avós que cuidam integralmente dos netos, os que responsabilizam-se por apenas um período do dia, os que veem os netos nos finais de semana e aqueles que os encontram eventualmente (Cardoso & Brito, 2014).

Devido ao aumento de lares intergeracionais, várias expressões foram criadas para nomear a família ou os avós que cuidam de seus netos, tais como: “família substituta”, “pais substitutos”, “pais à revelia”, “avós em tempo integral”, “avós com custódia” (quando legalmente eles tem a custódia do neto), “avós cuidadores” e “avós guardiões” (Ehrle e

Day, 1994).

Classificados por Gerondo (2006), os avós guardiões podem ser considerados como cuidadores primários por assumirem a criação integral dos netos. Tornam-se cuidadores primários legais, quando estes detêm a guarda das crianças judicialmente. Percebeu-se nesses casos, a necessidade de apoio a esses avós e a esses netos diante das dificuldades que enfrentam, tendo que por vezes lidar com questões de ordem social, física, emocional, financeira e legal (Dias e Silva, 1999).

Ao surgir a necessidade de co-residência, a convivência com os avós pode se tornar íntima. Para as avós, se colocar no lugar das filhas ou das noras para cuidar de um neto pode significar reviver o papel que desempenhavam com seus filhos. A chegada do novo membro pode representar a recuperação do papel de mãe, gerando-lhes a sensação de ter cumprido todas as etapas de sua vida no meio social e familiar, estando ainda em condições de ajudar seus filhos a criarem e educarem sua prole (Paula *et al.*, 2011).

Em um estudo de revisão da literatura sobre o tema (Deus & Dias, 2016), sugeriu-se a existência de uma maior convivência das famílias com as avós maternas. Elas foram destacadas como substitutas dos pais em atividades que relacionam-se à educação, criação e ao cuidado dos netos, além de serem importantes figuras de apoio para as filhas nos períodos perinatal e pós-natal. Ao mesmo tempo em que é reconhecida a responsabilidade dos pais e mães pela criação das crianças, esta também é marcada e influenciada por outras mulheres, em especial as avós.

Muitas mulheres possuem participação ativa no ambiente familiar, mas no momento em que tornam-se avós sua colaboração pode ser renovada (Kipper & Lopes, 2006). Com isso, pode-se dizer que pode existir uma grande cooperação familiar, onde nota-se a prevalência do apoio feminino em tarefas deste cunho. Considerando que o momento do puerpério é de muitas mudanças, crises na reorganização dos papéis a serem desempenhados pelos membros da família podem acontecer (Minuchin, 1982). Portanto, deve-se tomar cuidado para que essa cooperação não seja entendida como intrusiva, dependendo da forma que é feita, da relação entre pais e filhos e do papel esperado por cada um nesse momento.

Na década de 60 os avós eram vistos como pais de reserva e seu papel era tido como secundário, quando, na verdade, sua importância é única e diferente (Hader, 1965 apud

Dias, 2002). Atualmente, percebe-se uma participação mais ativa dos avós em diferentes âmbitos da vida de seus netos em muitas famílias. Além da colaboração nas tarefas práticas da criação das crianças, também contribuem oferecendo-lhes suporte emocional, compreensão, disciplina, conselhos, carinho, estabelecendo limites e participando do processo educacional (Santos & Dias, 2008). Não esquecendo dos que contribuem com apoio instrumental, levando e/ou buscando os netos na escola, em atividades extra-classe, em consultas médicas, etc. Hamad (2002) soma mais uma tarefa ao papel dos avós ao comentar que a inserção dos netos na cadeia de gerações da família, é também papel dos avós. Ao fazerem isso, estarão aumentando o senso de pertencimento da criança ao grupo familiar.

A função da família é apoiar, regulamentar, proteger e socializar seus membros, caracterizando uma das propriedades do sistema familiar (Minuchin, 1982). Após os pais, é esperado que os avós sejam os principais responsáveis pela socialização das crianças, contribuindo no cotidiano das famílias, principalmente em momentos de conflitos e estresses familiares (Dias & Silva, 1999). Tendo influência nas esferas emocional, atitudinal e cognitiva, podem moderar a influência negativa dos pais sobre os filhos. Em geral, diminuem o impacto dos problemas sociais dos netos (Denham & Smith, 1989 apud Dias & Silva, 2003), auxiliando no enfrentamento das dificuldades diárias, como brigas na escola e planejamento do futuro (Cardoso, 2010).

A figura dos avós tem apresentado uma grande importância no âmbito familiar, isso por conta das particularidades e mudanças ocorridas na dinâmica entre o grupo, fazendo com que os avós se ocupem de mais tarefas do que o esperado pelo seu papel. Há alguns avós que desempenham a função de cuidado, prestando apoio afetivo e financeiro aos membros de sua família em momentos específicos. Porém, há aqueles que além do papel de avós, assumem o papel parental, tornando de sua responsabilidade as funções paternas e maternas com os netos (Oliveira, 2011).

A crise de identidade na avosidade, gerada pela modificação do papel dos idosos no contexto familiar e social, acarretou num aumento significativo de casos em que os avós não são mais apenas avós (Goldfarb & Lopes, 2006). Dessa forma, desempenham outros papéis na relação familiar e social, sendo um desafio conciliar as responsabilidades de mulher/homem, mãe/pai e avó/avô no exercício de suporte à família, onde muitas vezes os

papéis acabam se sobrepondo (Vitale, 2008).

Considerando os aspectos já discorridos sobre o tema da avosidade na contemporaneidade, o questionamento sobre qual lugar os avós estariam ocupando na família, assim como quais as funções esperadas para que desempenhem, é colocado a todo momento. Afinal, estariam estes desempenhando o papel de avós ou ocupando o lugar dos pais dos netos?

3.2 Avosidade x Parentalidade: Inversão de papéis

Diante dos novos arranjos familiares, os limites e fronteiras que marcam e delimitam os papéis e funções de cada membro dentro da dinâmica familiar, tornaram-se expandidos e difusos, o que pode ocasionar uma certa confusão de papéis. Contribuindo para o surgimento de tal situação, estão os desafios sociais e econômicos e a necessidade de ajuda dos pais nas tarefas de cuidado aos filhos, precisando do apoio das avós (Attias-Donfut & Segalen, 2001; Coutrim, Broto, Maia & Vieira, 2006 apud Cardoso & Brito, 2014).

Nessas situações, muitas vezes as avós assumem a posição dos pais, tornando os cuidados com as crianças sua responsabilidade. No entanto, essa configuração que vai sendo construída pode não ser percebida pelos familiares. Com isso, podem acabar misturando seu papel com o de mãe, havendo dificuldade em diferenciar as funções que tiveram com os filhos das que lhes seriam esperadas com os netos (Cardoso & Brito, 2014).

Ao longo do desenvolvimento, a estrutura familiar passa por momentos que demandam reestruturação e adaptabilidade às mudanças ocorridas (Minuchin, 1982). O nascimento de uma criança na família pode ser um exemplo desses momentos em que o sistema familiar tem de se reestruturar e se adaptar. Esse momento pode ser entendido como de transição, onde serão incluídos novos papéis, funções e subsistemas, podendo ser um desafio para os membros da família.

A diferença entre os papéis de avós e pais foi relatada na pesquisa de Lins de Barros

(1987), onde coloca em posições contrárias a liberdade do afeto dos avós e a obrigação dos pais em socializar e educar os filhos, caracterizando uma relação de contrastes. A figura dos avós foi marcada como sendo os responsáveis por transmitir os conhecimentos, valores, afeto e autoridade dentro da família, contando com sua participação na vida dos netos, porém sem as mesmas responsabilidades e obrigações que cabem aos pais.

O papel atribuído aos avós é muito sutil, segundo Billé (2002, apud Cardoso & Brito, 2014), além de ser delicado e demandar discernimento. Deles é esperado apoio, disposição, tempo, respostas, porém sem atrapalhar, sem julgar, sem confrontar e tomar o lugar dos seus próprios filhos, agora pais.

Desta forma, ao ocupar o lugar de avós, estes devem permitir que seus filhos sejam pais, para que assim possam assumir as funções esperadas. Cabe aos avós, sem se ausentar de seu lugar, servir como elo entre as gerações dos filhos e dos netos (Goldfarb & Lopes, 2006). Também é preciso, porém, que os pais tenham consciência de que a responsabilidade de educar e formar os filhos é exclusivamente deles, não podendo ser transferida a outras pessoas. O apoio dos avós é fundamental, mas não devem permitir que seus filhos, noras ou genros lhes repassem essas obrigações (Pessoa, 2005).

Em matéria publicada na revista *Veja*, Nunes (2002) afirma que avós que moram com os netos e os pais dos netos, não devem esperar que a autoridade paterna e materna lhe seja passada, mesmo que exerçam função importante nos cuidados com as crianças. Em lares multigeracionais, podem ocorrer discordâncias pelo fato das gerações mais velhas não saberem qual o seu papel na criação dos pequenos. Ao assumirem uma postura permissiva, por exemplo, os avós podem ser culpados por seus filhos por não terem imposto autoridade às crianças. Ao passo que, ao impor autoridade, os pais podem se sentir fracassados por não terem conseguido o que os avós conseguiram, como impor limites.

Além da confusão de papéis por parte dos adultos (pais e avós), há também a confusão por parte das crianças (netos). Assim como quando os netos ficam sob o cuidado dos avós durante longos períodos, é compreensível que haja dúvida sobre a quem devem obedecer. Por isso, é muito importante transmitir às crianças, de maneira clara, a quem devem obedecer e para que, de alguma forma, não percam e confundam suas referências. Com isso, acredita-se que as chances de haver perdas e sofrimento para algum dos envolvidos seja diminuída (Dias, Hora & Aguiar, 2010).

Em pesquisa realizada por Mainetti e Wanderbroocke (2013), os autores observaram que quanto mais as avós se dispõem a cuidar dos netos, a probabilidade de que os pais não assumam ou assumam parcialmente as funções parentais se eleva. Associando-se a esses dados, Lopes, Neri e Park (2005), afirmam que no arranjo familiar multigeracional, apesar da presença dos avós trazerem benefícios, há também dificuldades, como a falta de compromisso por parte dos pais. É perceptível pelos avós, que seus filhos nem sempre conseguem aproveitar a oportunidade de tornarem-se pais para se desenvolverem pessoalmente (Lins de Barros, 1987). Demonstram uma possível dificuldade em desenvolverem maturidade e assumirem responsabilidades, principalmente quando os avós estão presentes todo o tempo e por vezes ocupando esse papel. Com isso, acaba não sendo claro se não há abertura por parte dos avós para que seus filhos assumam as crianças, ou se os pais das crianças aproveitam a disposição e disponibilidade de seus pais para não ficarem encarregados de cuidá-las.

Apesar de alguns avós desempenharem papel parental, confirmando a interdependência entre os familiares e demonstrando sua importância no desenvolvimento e cuidado com os netos, para Lopes, Nery e Park (2005), os idosos podem cumprir seu papel sem o compromisso referente aos pais. Os avós podem desenvolver seus próprios vínculos com os netos, sem que haja sobrecarga ou estresse. Nesta via, Vitale (2008) aponta que de forma voluntária, grande parte dos avós se colocam a disposição para as tarefas de cuidado com os netos. Mas isso não significa que o tornar-se avó traga apenas vivências prazerosas.

4. Significado da avosidade

Diante a dificuldade em definir o que é ser avós e o lugar que ocupam, se faz necessário discorrer brevemente sobre a questão, por mais que ao longo deste trabalho tenha sido comentado sobre o imaginário social, expectativas e o que espera-se dessas pessoas ao tornarem-se avós. Nota-se que não há consenso entre os autores sobre o significado que carrega tal papel, podendo ser representado de formas distintas e particulares de acordo com a singularidade de cada sujeito.

Nesse âmbito, Attias-Donfut e Segalen (2001, apud Cardoso & Brito, 2014) revelam

que não existem padrões exatos e nem regras que especifiquem como deve-se desempenhar o papel de avós. A participação no cuidado dos netos deve ser construída e negociada entre os envolvidos, não partindo do pressuposto de estar se realizando uma tarefa obrigatória, mas sim voluntária, de acordo com o contexto específico e a disponibilidade dos avós.

Nas relações interpessoais estabelecidas em um grupo social, em uma família, ou em outros, cada um de nós acaba por assumir vários papéis ao mesmo tempo como: mulher, irmã, mãe, amiga. Esses papéis que se assume e se atribui aos outros, são regidos por um permanente interjogo, fazendo com que seja necessário conciliar cada um deles. É isso o que cria a coerência entre o grupo e os vínculos dentro de tal grupo, sendo característica própria à condição humana para sobrevivência (Pichón-Rivière, 1986; Minuchin, 1982).

Dentre os papéis familiares existentes, há o de avô/avó, em que tem sido denominado como um “papel sem papel”, pois não é institucionalizado e delimitado do início ao fim como os papéis parentais (Osuna, 2006). No entanto, a autora tenta delimitar o conceito de avós a partir de quatro níveis ou fases: nível atitudinal, correspondente aos direitos e obrigações dos avós; nível emocional ou afetivo, que relaciona-se a satisfação com o ambiente familiar em que vivem e com o desempenho de seu papel; nível condutor, referindo-se às atividades realizadas com e para os netos; e nível simbólico, que refere-se aos diferentes significados de avosidade para os avós.

Em pesquisa realizada com avós por Kipper e Lopes (2006), surgiram temas referentes ao seu papel e seu significado. Este lugar fora vivenciado como sendo algo renovador, citando que os netos lhes trouxeram mais ânimo de vida e recarga de energia, além do preenchimento do vazio experienciado pela idade. Já no estudo de Cardoso e Brito (2014), ao discutirem sobre o significado de ser avó, algumas relataram que é melhor do que ser mãe, por serem mais experientes e por terem adquirido sabedoria para lidar com certas questões familiares, ainda mais se tratando de questões relacionadas aos netos. Acreditam que o compromisso de cuidar das crianças faz parte de seu papel, onde referem sentir amor incondicional, prazer, alegria e gratificação ao realizá-lo.

Há, entretanto, aquelas que não aceitam o papel de cuidadoras e acabam afastando-se, convivendo eventualmente com as crianças. As participantes informaram que conheciam avós que por não quererem ser consideradas idosas, não mantinham relação com os netos. Partindo desta informação, as autoras questionam-se quanto ao referencial simbólico que

traz o papel de avó, perguntando-se se ainda existe no imaginário social a ideia em que ser avó é ser velha (Cardoso e Brito, 2014).

Por outro lado, existem avós que não podem assumir o papel de cuidadores por seguirem trabalhando. Em 2015 o percentual de idosos que mantinham uma ocupação fora de 26,3% (IBGE, 2016). Deve-se considerar também, por motivo de gravidez na adolescência, por exemplo, os avós mais jovens, que estão em idade ativa e pela mesma razão não podem incumbir-se dos cuidados aos netos.

Percebe-se, tanto por parte de autores, como por parte das avós entrevistadas, uma grande subjetividade nos relatos e possíveis conceitos sobre o significado de avosidade. Seus entendimentos sobre o assunto foram descritos por cada uma a partir de suas próprias experiências e vivências enquanto avós, de acordo com a relação estabelecida entre a díade.

5. Aspectos que contribuem para a sobreposição do papel parental

Enquanto algumas avós possuem a atribuição de serem mães substitutas das crianças, outras avós desejam apenas ocupar o lugar de cuidadoras, sendo essa atividade muitas vezes imposta pelos filhos para que estes possam trabalhar (Cardoso & Brito, 2014). Vimos que o exercício de cuidado aos netos pode ocasionar efeitos negativos para ambos, assim como para a relação da dupla. Dessa forma, se faz questão os motivos pelos quais os avós, apesar dos efeitos citados, dificilmente recusam a tarefa de cuidados aos netos.

Com o rearranjo das famílias surgiram estruturas menores e flexíveis, consequentes das mudanças de papéis desempenhados pelos membros familiares (Paula *et al.*, 2011). Um exemplo disto pode ser dado com a saída da mulher para o mercado de trabalho, contribuindo para o surgimento de uma nova configuração familiar, já que foge ao tradicional casal com filhos, mulher como dona de casa, homem como chefe e provedor (Goldani, 2002).

No século XXI os arranjos familiares não são mais baseados somente nos laços de parentesco, mas também nos laços de afinidade (Arrais *et al.*, 2012). Amigos, vizinhos, a família extensa, como no caso os avós, e a própria escola acabam sendo convocados para

auxílios domésticos e nos cuidados referentes às crianças. Dessa forma, os pais podem realizar suas atividades, já que há uma dificuldade por parte destes em conciliar todos papéis e funções exigidos socialmente. Observa-se que os pais e mães, em função do dia-a-dia corrido e das inúmeras tarefas do cotidiano, dispõe cada vez menos tempo para ficarem junto aos filhos. Sendo assim, os avós das crianças passam a ser importantes figuras de apoio e segurança, além de oferecerem estabilidade e suporte emocional nos momentos de estresse e/ou dificuldade familiar (Dias, Hora & Aguiar, 2010).

Considerando a importância crescente dos avós dentro das famílias, assim como o exercício de funções que não lhes cabem, para Oliveira (2011), o que faz com que os avós tomem para si essas tarefas de cuidado com os netos, é o sentimento de compromisso com sua descendência. Mesmo que suas atividades diárias sejam afetadas, sentem-se responsáveis pela prole de seus filhos, o que dificulta a recusa da tarefa. Nye e Berardo (1973, apud Dias, 2002) também citaram as contribuições de Albrecht, salientando que quanto mais próxima é a relação entre avós e netos, maior será o sentimento de responsabilidade para com eles.

Quando os netos são pequenos, as avós são essenciais na função de cuidado e à medida que vão crescendo, aparecem as mediações e interferências junto aos pais (Kahana & Kahana, 1970 apud Dias, 2002). Estes cuidados acabam sendo exigidos e necessários se pensarmos nas fases do desenvolvimento humano. Com o nascimento do bebê, período por vezes conturbado, os novos pais podem sentir-se perdidos e inseguros, onde solicitam auxílio aos membros familiares, gerando um certo envolvimento da família. É um momento que exige nova organização familiar, a fim de atender as tarefas que demandam uma criança. Com isso, podem solicitar ajuda da família extensa para guiar e organizar as novas funções na família (Minuchin, 1982). Entretanto, essa função deve ser considerada como uma ajuda pontual, tendo em vista os períodos de maiores estresses, e não como tarefa obrigatória.

A chegada de um neto pode oferecer à mulher, uma nova chance para o experimento da maternidade (Lachmann, 2011 apud Pinto *et al.*, 2014). Com a oportunidade de “reviver” o momento da maternidade, as avós podem impedir ou boicotar os filhos, não os deixando exercer a função parental. Fariam isso, por temerem reconhecer seu crescimento e amadurecimento, que fazem parte do processo de diferenciação e distanciamento, sentido

pelas avós como a “perda” do filho. Também, por não conseguirem se separar e modificar a relação com o filho, que agora é pai, assim como incluir o novo membro na posição de neto e não de filho, algumas podem sentir que seu lugar de avó não está bem delimitado (Pinto *et al.*, 2014). Por esse motivo, o mais desejável seria que os avós se colocassem entre as gerações, como um elo entre pais e filhos, sem os substituir, cedendo aos últimos um novo papel e função na família (Goldfarb & Lopes, 2006).

Outro aspecto apontado pelas avós, foi o sentimento de falta para com os filhos. Muitas avós sentiram-se inadequadas, achando que faltaram como mães, deixando a desejar nos cumprimentos das tarefas esperadas do papel parental (Araújo & Dias, 2010). Por tal motivo, na relação com os netos, acabam por querer “suprir” ou “preencher” a falta que sentem em relação aos filhos. Como numa espécie de reparação, que por muitas vezes pode se dar de maneira equivocada, buscam fazer para a nova geração o que não pôde ser feito para a anterior.

O aumento da longevidade; a participação da mulher no mercado de trabalho; novas organizações familiares como as famílias monoparentais e recasadas; situações como gravidez na adolescência, dependência química, imaturidade ou instabilidade emocionais, doenças e morte dos pais, negligências e abusos, são algumas das situações que podem levar os avós a serem figuras de importância na socialização e criação dos netos (Dias, 2002). Há uma tendência dos avós desempenharem as funções parentais, como pais substitutos, quando estes são ausentes. Quando por algum motivo os pais não podem dar a atenção e o cuidado devido à criança, os avós tendem a assumi-la (Goodman e Silverstein, 2002 apud Lopes, Nery & Park, 2005). Dado que corrobora com os já citados de Oliveira (2011), que o sentimento de compromisso com sua descendência é o que faz com que se responsabilizem pelos netos.

Aspectos econômicos também são motivadores para que avós prestem cuidados aos netos. Enquanto alguns se colocam a disposição para a realização desta tarefa quando são solicitados, outros praticam essas ações por sentirem-se obrigados. Por depender financeiramente de seus filhos ou para cumprir um papel social esperado, alguns avós acreditam ser sua obrigação o cumprimento de tal tarefa, mesmo indo contra sua vontade (Pinto, Arrais & Brasil, 2014). Porém, o inverso pode ocorrer e os filhos dependerem financeiramente de seus pais, ou até mesmo voltarem a morar com os pais após um

divórcio, por exemplo.

Nas camadas mais populares o papel dos avós como autoridade na família sempre foi mais frequente, dessa forma as crianças ficam sob os cuidados dos avós, já que nem sempre os pais tem condições de assumir a criação dos filhos (Santos & Dias, 2008). Com a crise econômica e altas taxas de desemprego entre jovens e adultos, constata-se que são os aposentados que servem de suporte aos seus filhos e netos. Contribuem tanto afetivamente, oferecendo apoio moral, cuidado dos netos, etc., como materialmente, prestando apoio financeiro, pequenos serviços e até mesmo moradia (Cardoso, 2011).

Em um estudo realizado por Cardoso & Brito (2014) com grupos de avós que cuidaram de seus netos, fora constatado que algumas planejavam continuar a cuidar de seus outros netos ou bisnetos, demonstrando o desejo em continuar nesse papel. A partir disso, levantou-se a questão do por que as avós desejam estender a tarefa de cuidar. Entenderam, com os relatos das avós, que ao cuidar dos netos, os sentimentos de utilidade e preenchimento do vazio, podem ser experimentados. A narrativa de uma participante que conclui que gostaria mesmo é de ter um namorado ao invés de preencher seu tempo com tarefas referente aos netos, confirma o sentimento de solidão e a vontade de ocupar seu tempo e seus dias com novas pessoas e afazeres.

Os compromissos com os netos trazem mudanças ao cotidiano pouco ativo destas avós, o que contribui para a luta contra o envelhecimento (Cardoso & Brito, 2014). Sampaio (2008) esclarece que esta seria mais do que uma ajuda pontual aos pais das crianças, já que está cheia de afetividade e de interesses pessoais, refletindo para alguns avós, que a tarefa de cuidar dos netos seria prova de amor, saúde, trabalho e sentimento de utilidade (Araújo & Dias, 2010).

6. Ambivalência e efeitos negativos

Com objetivo de compreender como as avós cuidam dos netos para que os pais possam trabalhar, um estudo realizado por Cardoso e Brito (2014), descreveu os sentimentos das avós ao realizarem tarefas referente aos cuidados com os netos. Foram experimentados pelas avós, sentimentos como amor incondicional, alegria, gratificação, prazer e obrigação. Os netos, para algumas das avós, são considerados como seus companheiros em atividades diárias e como auxiliares nos momentos de dificuldade. Isso possibilita que as avós sintam-se gratas e renovadas, além de afastarem o sentimento de solidão por terem a companhia das crianças.

Percebe-se no imaginário social, que há uma idealização dos avós, onde espera-se por pessoas perfeitas e em condições ideais para o desempenho desses papéis (Pinto, Arrais & Brasil, 2014). Muitos acreditam, até mesmo seus próprios filhos, pais das crianças, que exercer a tarefa de cuidar se torna obrigação ao assumir o papel de avós. Como já discorrido por Oliveira (2011), houve um aumento do estilo de avós guardiões em todo o mundo, e com a expansão de seus papéis, podem se sentir satisfeitos ao somar atribuições para além das esperadas com os netos. Por outro lado, tornar-se avós pode não representar um processo de vivências somente prazerosas (Vitale, 2008). Sentimentos ambivalentes e conflituosos podem ser apresentados pelos avós, influenciando a sua vivência e o exercício do papel. Além disso, pode haver prejuízos físicos e emocionais pelo estresse que a tarefa pode carregar (Pinto, Arrais & Brasil, 2014).

Em pesquisa sobre avós guardiões de baixa renda, Araújo e Dias (2010), expuseram os diversos sentimentos que esses avós podiam vir a experimentar, como ter que lidar com sentimentos de perda dos filhos, do cônjuge, de sua liberdade e privacidade; ansiedade por ter que lidar com crianças pequenas; raiva e rancor dos filhos por terem delegado tal função; medo de não poderem acompanhar os netos até a adultez e preocupação por não ter com quem deixá-los caso aconteça algo consigo. Muitos avós relataram preocupações com seu estado de saúde, porém esqueciam de sua própria condição para atender às necessidades dos netos.

Corroborando esses dados, Lopes, Neri e Park (2005) também pontuaram que a tarefa de cuidar dos netos não associa-se somente a aspectos positivos. Podem ocorrer

conflitos com os filhos por haver discordâncias quanto a criação dos netos, diminuição da qualidade física e emocional dos avós, interferências em sua vida social e familiar em função do cuidado dos netos, além da sobrecarga financeira e de sentimentos como esgotamento emocional e cansaço.

Da mesma forma em que fora constatada, por parte dos avós, a existência de sentimentos ambivalentes e aspectos negativos, relativos a tarefa de cuidar, observa-se também, influência negativa na relação entre avós e netos. Por exemplo, quando os avós mimam os netos em excesso e/ou criticam o modo como seus filhos educam e criam as crianças, isso pode influenciar negativamente a vida dos pequenos (Dias, 2008).

Os avós que desempenham somente seu papel na avosidade, como aqueles que mimam, são amorosos e não impõe regras ou limites, são considerados por seus netos como “mãe/pai com açúcar”. Quando desempenham a função parental ou a compartilham com seus filhos, por morarem todos juntos, acaba-se o “açúcar” devido às tarefas da função sobressaírem-se cotidianamente. O que pode acontecer, diante das novas configurações familiares, é que se formem laços afetivos disfuncionais entre avós e netos (Arrais *et al.*, 2012). Pois, no imaginário das crianças e adolescentes que convivem com seus avós, essa substituição parental pode trazer consequências (Lopes, Neri & Park, 2005). Além da possível perda de referência e o questionamento de “quem devo obedecer?”, pode haver sentimento de rejeição por parte das crianças e adolescentes.

Para tanto, casos como esse requerem uma reorganização das partes envolvidas, a fim de que haja menos perdas e efeitos negativos para todos. A delimitação dos papéis e funções de cada membro familiar pode ser um exemplo, não havendo assim, mais prejuízos causados pelas confusões e sobreposições de papéis.

Considerações Finais

A partir dos estudos pesquisados, pode-se refletir sobre a complexidade em definir o papel e o significado dos avós. Com as mutações e rearranjos familiares, houve um aumento do estilo de avós guardiãs, sobrepondo o papel de mãe ao papel de avó. Ainda que os avós possam estar atualmente ocupando e desenvolvendo seu lado mais maternal (Nye &

Berardo, 1973 apud Dias, 2002), ainda prevalece na sociedade a ideia de que as mulheres é quem devem assumir a criação das crianças (Mainetti & Wanderbroocke, 2013). Nas pesquisas apresentadas, aparece um número muito maior de avós do que avôs participantes nos cuidados com os netos.

Não há dúvidas de que o auxílio dos avós se faz necessário nos primeiros anos de vida das crianças, porém deve-se considerar como uma ajuda pontual, tendo em vista que a infância é um período que demanda mais cuidado por parte dos adultos (Kahana & Kahana, 1970 apud Dias, 2002), envolvendo a família no cumprimento das tarefas. No papel de avós não deveria haver obrigações e exigências, por mais que existam filhos e mesmo avós que entendam que a sua função é prestar apoio instrumental, emocional, financeiro e material aos seus filhos e netos. Existem muitas razões para que se estabeleça esta dinâmica, onde não raro os papéis se invertem e se confundem, trazendo prejuízos aos envolvidos (Cardoso e Brito, 2014). Entende-se que existem múltiplos fatores que interferem na relação entre as gerações de avós e netos (Dias, 2002), sendo um deles a própria relação que os avós tem com seus filhos. É a partir daí que se formam as relações com os novos membros.

Nesse sentido, a relação que será tecida entre avós e netos, deve ser voluntária e negociada, sem imposições e sobrecarga, para que o momento com os netos não se torne desprazeroso e pesado (Attias-Donfut e Segalen, 2001 apud Cardoso & Brito, 2014). É por meio desse contato que as histórias familiares, a cultura e seus conhecimentos podem ser passados às próximas gerações. Isso permite que os avós mantenham e preservem a cultura na família, o que salienta a importância das relações intergeracionais (Lins de Barros, 2003, 2005 apud Cardoso & Brito, 2014).

Espera-se que possam ser realizados mais trabalhos acerca do tema, já que os arranjos familiares que ligam as gerações estão cada vez mais presentes na sociedade brasileira. Dessa forma, não só os avós, pais e netos serão beneficiados, mas também profissionais que trabalham com famílias. As crianças de hoje serão os avós de amanhã, por isso o lugar dos avós precisa ser reconhecido e valorizado, de forma com que venhamos a conhecer seus sentimentos, pensamentos e a ambivalência que os acompanham no desempenho dessas tarefas.

Referências

- Araújo, C. P. de & Dias, C. M. de S. B. (2010). Avós guardiões de baixa renda. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 4(2), São João del-Rei, Jul.
- Arrais, A. R., Brasil, K. C. T. R., Cárdenas, C. J. de & Lara, L. (2012). O lugar dos avós na configuração familiar com netos adolescentes. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(2). São Paulo (SP), Brasil, março 2012: 159-176.
- Bengtson, V. L. & Robertson, J. F. (1985). *Grandparenthood*. Beverly Hill, CA: Sage Publications; editores.
- Cardoso, A. R. (2011). *Avós no século XXI: Mutações e rearranjos na família contemporânea*. Curitiba: Juruá
- Cardoso, A. R. & Brito, L. M. T. (2014). Ser avó na família contemporânea: Que jeito é esse? *Psico-USF*, Bragança Paulista, 19(3), 433-441.
- Cardoso, S. (2010). Avós e netos: uma relação saudável. *Jornal do Centro de Saúde* [Internet]. 19 julho.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). *As Mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar*. (2 ed) (M. A. V. Veronese, Trad., 2 ed.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989).
- Cherlin, A. J. & Furstenberg, F. F. (1985). Styles and strategies of grandparenting. In: Bengtson VL, Robertson JF, editors. *Grandparenthood*. Beverly Hills, CA: Sage Publications; p. 97-116.
- Colarusso, C. A. (1997). Separation-Individuation Process in Middle Adulthood: The Fourth Individuation. Em S. Akhtar & S. Kramer (Orgs.), *The Seasons of Life: Separation-Individuation Perspectives* (pp. 73-94). Northvale: Jason Aronson.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as a context: an integrative model. *Psychological Bulletin*;113(3):487-96.
- Deus, M. D. de & Dias, A. C. G. (2016). Avós Cuidadores e Suas Funções: Uma Revisão Integrativa da Literatura. *Pensando fam.* [online]. 2016, vol.20, n.1, pp. 112-125.
- Dias, C. M. de S. B. (1994). A Importância dos Avós no Contexto Familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10(1), 31-40.
- Dias, C. M. de S. B. (2002). A influência dos avós nas dimensões familiar e social. *Revista Symposium. Ciências, Humanidades e Letras*, ano 6 número ½ janeiro-dezembro. Universidade Católica de Pernambuco.

Dias, C. M. de S. B. (2008). Pais são para criar e avós para estragar: Será? In I. C. Gomes (Org.). *Família, diagnóstico e abordagens terapêuticas* (pp.67- 72). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Dias, C. M. de S. B. & Silva, D. V. (1999). Os avós: Uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família, entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau. (pp. 118-149).

Dias, C. M. de S. B., & Silva, M. A. S. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 8, num. esp., p. 55-62.

Dias, C. M. de S. B., Hora, F. F. A. & Aguiar, A. G. de S. (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicol. teor. prat.* Vol.12, n.2, São Paulo fev. pp. 188-199.

Ehrle, G. M. & Day, H. D. (1994). Adjustment and family functioning of grandmother rearing their grandchildren. *Contemporary Family Therapy*, 16(1), 67-82.

Falcão, D. V. S. (2006). Doença de Alzheimer : um estudo sobre o papel das filhas cuidadoras e suas relações familiares. 2006. 284 f. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade de Brasília, Brasília.

Falcão, D. V. S. (2012). A pessoa idosa no contexto da família. In N. B. Makilin; L. T. Maycoln (Orgs.). *Psicologia de família: Teoria, avaliação e intervenção* (pp. 100-111). Porto Alegre: Artmed.

Freitas, E. V. de *et al.* (2006). *Tratado de Gerontologia e Geriatria*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Gerondo, V. (2006). As avós idosas cuidadoras dos netos hospitalizados (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Goldani, A. M. (2002). Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. *Rev Bras Estud Popul.*19(1):29-48.

Goldfarb, D.C. & Lopes, R. G. C. (2006). Avosidade: A família e a transmissão psíquica entre gerações. In: Freitas, E.V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*: 1374-82. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Hamad, N. (2002). *A criança adotiva e suas famílias*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.

IBGE (2004). *Comunicação social: perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes à população brasileira, fornecidos em meio eletrônico.

IBGE (2016). *Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: Estudos e pesquisas, n.36.

IBGE (2016). Estatísticas do Registro civil. Rio de Janeiro, v. 43, p. 1-8.

Kipper, C. D. R. & Lopes, R. S. (2006). O tornar-se avó no processo de individuação. *Psic.: Teor. e Pesq.* vol.22, n.1, Brasília Jan./Apr. pp.29-34.

Lins de Barros, M. L. (1987). Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lopes, C., Neri, A. L. & Park, M. B. (2005). Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. *Textos sobre Envelhecimento*, Rio de Janeiro 8(2): 239-53.

Lopes, R. S., Prochnow, L. P. & Piccinini, C. A. (2010). *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 2, p. 295-304, abr./jun.

Mainetti, A. C., & Wanderbroocke, A. C. N. de S. (2013). Avós que assumem a criação de netos. *Pensando famílias*, Porto Alegre, Jun. 17(1), 87-98.

Marangoni, J., & Oliveira, M.C.S.L. (2010). Relacionamentos intergeracionais: avós e netos na família contemporânea. In: Falcão, D.V. (Org.). *A família e o idoso: desafios da contemporaneidade*, 37-56. Campinas (SP): Papyrus.

Mendes, S. K., Silveira, P. C. C. R., & Galvão, M. C. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v. 17, n. 4, Dec.

Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. (J.A. Cunha, Trans.) Porto Alegre: Artes Médicas.

Nunes, A. (2002). Liberal é a sua avó. *Veja*, São Paulo, 7 fev. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/070201/p_106.html>.

Oliveira, M. R. (2011). *As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos*. (Tese de doutorado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

Osuna, M. J. (2006). Relaciones familiares em la vejez: vínculos de los abuelos y de las abuelas com sus nietos y nietas en la infancia. *Revista Multidisciplinar Gerontologia*, 16 (1), 16-25.

Paula, F. V., Silva, M. J., Bessa, M. E. P., Morais, G. L. A., Marques, M. B. (2011). Avós e netos no século XXI: Autoridade, afeto e medo. *Rev Rene*, Fortaleza. 12(n. esp.):913-21

Pessoa, A. (2005). Os avós. Portal da família. Disponível em: <<http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo403.shtml>>

Pichon-Rivière, H. (1986). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes.

Pinto, K. L. B., Arrais, A. da R. & Brasil, K. C. T. R. (2014). Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. *Psico-USF*. Vol.19, n.1, pp.37-47.

Prochnow, L. P. & Lopes, R. S. (2007). A relação da mãe em situação de depressão com suas figuras femininas de apoio. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 3, pp. 285-291.

Redler, P. (1986). *Abuelidade. Nás Allá de La Paternidade*. Argentina: Ed. Legasa.

Roberto, K. A. & Stroes, J. (1992). Grandchildren and grandparents: roles, influences, and relationships. *International Journal Aging and Human Development*. 34(3):227-39.

Ruschel, A. E. & Castro, O. P. (1998). O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. *Psicol. Reflex. Crit.* Vol.11, n.3, pp.523-539.

Sampaio, D. (2008). *A razão dos avós*. (3ª ed.). Lisboa, Portugal: Caminho.

Santos, I. E & Dias, C. M. S. B. (2008). Homem idoso: vivência de papéis desempenhados ao longo do ciclo vital da família. *Aletheia* [online] n.27, pp. 98-110.

Vitale, M. A. F. (2008). Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: Acosta, A. R. & Vitale, A. F. (Eds). *Família, redes, laços e políticas públicas* (4a. ed.). (pp. 93-105). PUC/SP: Cortez.